

## CONTAÇÕES E BATUQUES NO SERTÃO: A EDUCAÇÃO POPULAR EM MOVIMENTO

Luana Karen de Lira Monteiro

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte - [Luanalirarn@gmail.com](mailto:Luanalirarn@gmail.com)*

### **Resumo:**

Trago neste escrito a exposição e análise de experiências educativas que se deram no interior do sertão do Rio Grande do Norte (RN), no município de Jandaíra. Exponho aqui relatos acerca das oficinas de contação de histórias, coco de roda, capoeira e graffiti, que foram elaboradas em completa imersão nos saberes do sertão, da cultura popular e da tradição de mestras e mestres brincantes, atividade que ocorreram ao longo de uma semana de imersão no município. As experimentações educacionais foram embasadas em conhecimentos acerca da mata do sertão, trazendo histórias acerca das Juremas, dos Juazeiros, dos bois de reis, das brincadeiras de coco de rodas, dos contos e conhecimentos das benzedeadas e dos fundamentos e batuques da capoeira. No jogo das discussões educacionais trago para o pensamento, a partir de tudo que vivenciamos nesses processos educativos, a educação que se faz a partir do encontro.

Sertão, Educação popular, Batuques, Poética.

### **Introdução**

Trago neste escrito a exposição e análise de experiências educativas que se deram no interior do sertão do Rio Grande do Norte (RN), no município de Jandaíra, incluindo as áreas rurais no entorno da cidade. As atividades, oficinas e vivências ocorreram ao longo de uma semana de imersão no cotidiano do município através do programa de extensão Trilhas Potiguaras, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Com a característica fundamental de aproximação e diálogo com a comunidade, o Trilhas explora as raízes mais essenciais dos conhecimentos acadêmicos ao imergir na realidade social e nos conhecimentos do povo. A partir da composição de um grupo de estudantes multidisciplinar, incluindo as mais diversas áreas dos cursos que a universidade oferece, o programa tem como premissa estabelecer relações íntimas entre o que acontece na academia, a cultura e as tradições do povo potiguar. Sendo assim um importante espaço de atuação educacional, por colocar a nós, educadores, no mundo. E nesse caso, no sertão, na

caatinga, nas feiras, nas ruas e praças pulsantes pela presença de jovens, crianças e idosos, que vivem a rotina do interior no Estado. Rotina essa que vibra cultura, conhecimentos populares e tradições em movimento, mas que grita em uma voz ecoante por uma educação que dialogue verdadeiramente com os fundamentos da ciência do povo.

Dito isso, exponho aqui relatos acerca das oficinas de contação de histórias, coco de roda, capoeira e graffiti, que foram elaboradas em completa imersão nos saberes do sertão, da cultura popular e da tradição de mestras e mestres brincantes, e da intenção de trabalhar dentro de um jogo de relações entre corpo, emboladas, aboias e educação.

O que tem a educação para aprender com o saberes da tradição do sertão? Como ser brincante da cultura popular pode dar a pensar no campo das práticas pedagógicas? Esses questionamentos guiam este trabalho, e guiam também minha caminhada como educadora popular, menina mulher que vem do sertão, e que pra ele volta rumo a uma educação sensível, que volta os olhos para a ciência do povo nordestino em vias de criar outras possibilidades para se pensar referenciais, metodologias e práticas educativas que não se fundamentam na centralização dos conhecimentos e dos referenciais educacionais em matrizes eurocêntricas.

Desta forma as oficinas e as experimentações educacionais foram embasadas em conhecimentos acerca da mata do sertão, trazendo histórias acerca das Juremas, dos Juazeiros, do Angico (plantas nativas da caatinga), dos bois de reis, das brincadeiras de coco de rodas, dos contos e conhecimentos das benzedeadas e dos fundamentos e batuques da capoeira. O processo que vivenciamos durante uma semana de interação profunda com grande parte das pessoas da cidade, entre elas crianças, jovens e idosos, nos levou a discussões acerca da valorização dos conhecimentos do povo, das formas e viver e reinventar o cotidiano no campo, sobre a sustentabilidade de saber lidar com as plantas nativas, sobre o conhecer as plantas frutíferas e as plantas que curam, e ainda sobre as diversas expressões do racismo e sobre ser mulher. Todas essas conversas surgiram não só da maneira como fizemos e referenciamos as oficinas, mas também da performance do corpo que brinca, da mulher que toca tambor, da mulher que planta e da educação que se faz a partir do encontro e da construção.

## **Metodologia**

Tendo em vista o modo de fazer educação a partir do encontro e o caráter de extensão do programa Trilhas Potiguaras, fundamentado na interação e troca entre saberes diversos, as atividades foram desenvolvidas a partir da visão metodológica sintonizada com a esfera do

corporal e do sensível, a metodologia do jogo da construção poética tal como entendida por MACHADO (2017):

“Os processos artísticos que culminaram nessa proposta metodológica desenharão um percurso de descoberta e transformações desencadeadas a partir da investigação dos artistas na busca de suas raízes, doando-se a si e compartilhando a vida” (MACHADO, p. 28, 2017)

Desenvolvida no âmbito das artes cênicas e da dança, fundamentada nos valores e conhecimentos de manifestações afro-brasileiras como a capoeira, como afirma MACHADO (2017) “o jogo da construção poética leva a desprender sentidos por meio da liberdade de criar”. Sendo a metodologia chave para se pensar a educação que acontece a partir do encontro, na relação entre didática e improviso.

Dos encontros com o jogo da construção poética brotaram olhares e ritmos. A proposta metodológica ressoa em todas as dimensões do trabalho desenvolvido, mas principalmente em nossa maneira de se jogar no mundo da educação, tanto quem está propondo a atividade quanto quem participa, pois nesse jogo todos viram brincantes, “descobrimos que ensinar não se desloca do aprender” (MACHADO, p. 25). O jogo nos traz uma abertura que vem da experimentação, da possibilidade de criar e de se permitir brincar. De não negar. Não negar um jogo de brincadeira de pés descalços nos espinhos das Juremas secas. Se aprendemos alguma coisa nesse jogo é que é dos giros, dos movimentos, dos encontros que tudo brota, e foi nessa educação que aprendemos esse modo de fazer a partir daquilo que ainda não está completamente dado.

## **Resultados**

Como fruto desse trabalho de semear e regar os conhecimentos do nosso sertão fizemos girar rodas de brincadeiras onde compartilhamos vivências, conhecimentos e onde estivemos juntos nos permitindo um estado de ser brincante, que é também um estado de experienciar o corpo, as danças, a oralidade e a construção poética dos saberes (MACHADO, 2017).

As brincadeiras e os batuques aconteceram em 17 (dezesete) oficinas que foram realizadas ao longo da semana no âmbito das artes, cultura e educação. Todas fundamentadas nos saberes populares e construídas a partir do encontro e do diálogo com quem se fez presente, seja criança, menino, menina ou mulher.

Desde a nossa chegada saímos em busca do diálogo, em busca da prosa, do olho no olho, de nos reconhecermos e de abrir as porteiras para cidade perceber a maneira espontânea

que trabalhariamos durante nossa estadia na cidade. Para compor a chegada, saímos de porta em porta chamando todos que estavam nas calçadas, já com os pandeiros nas mãos, as palmas e os sorrisos. Embolamos nosso boa tarde e boa noite ao povo todo, em um cortejo até a praça do coreto. Na praça, encontramos alguns jovens que reclamavam da falta do que fazer na cidade, a partir, daí botamos um instrumento na mão de cada um e começamos nossas conversas e nossa construção de uma roda de Coco e de Ciranda. Esse começo nos resultou a confiança de que poderíamos chegar em qualquer lugar daquela cidade para dialogar e construir com qualquer pessoa que aparecesse em nosso caminho. E assim foi na Oficina de Contação de História do Boi, Pintura e Coco de Roda na Escola Municipal Fabrício Pedrosa, com crianças de até 5 (cinco) anos de idade, que nos ensinaram que é desde de pequeno que se aprende a brincar, a criar e a ter coragem para experimentar aquilo que ainda não se aprendeu.

Seguimos nosso caminho nas Oficinas de Capoeira e construção poética, onde eu e Verônica, minha *parea* nesse momento intenso, nos fizemos mais fortes do que achamos que poderíamos ser. Chegar como mulher que carrega os saberes da capoeira no contexto do interior, onde a maioria das brincadeiras e dos afazeres de criação, onde a própria rua, ainda é algo entendido como espaço de homens, nos fez perceber logo de início que nossa presença seria como uma flecha certa para dialogar a força do ser mulher. Chegamos, nos fizemos presentes batucando e tocando berimbau, e com isso, aproximamos meninas e mulheres para estarem com a gente e com os meninos na construção de um momento importante para continuidade da capoeira naquele município. Durante o restante da semana, parte das crianças que participaram desse momento, nos acompanharam em todas as outras atividades, inclusive nos horários fora das atividades, para tocar tambor, entoar cantigas e conversar.

Todas as outras atividades que sucederam entrelaçavam-se umas nas outras, as pinturas eram feitas aos sons das emboladas de Coco, as brincadeiras de Boi aconteciam enquanto jogávamos capoeira, fazíamos instrumentos enquanto aprendemos o pé de dança e cantigas. E ainda, em meio a tudo isso, em meio aos alvoroços que nos embaraçavam nesses processos educativos, discutimos e entoamos dizeres acerca da valorização da diversidade cultural, conversamos sobre a força de ser mulher, íamos de encontro à discursos que afastam as meninas das brincadeiras e do movimento da vida, e colocamos na roda qualquer tipo de assunto que aparecesse. Fazendo das oficinas para além de um espaço de interação, um espaço de formação e de reflexão crítica acerca das esferas sociais, políticas e culturais do nosso contexto enquanto povo do Brasil, enquanto povo do sertão.

## Discussão

No jogo das discussões educacionais trago para o pensamento, a partir de tudo que vivenciamos nesses processos educativos, a educação que se faz a partir do encontro. Encontro dos corpos, encontro de olhares, encontro com as diferenças, encontro com as danças e cantigas dos Mestres e Mestras de Coco, com o couro dos instrumentos, com o entardecer meio do sertão. E é a partir desse encontro que jogamos com os saberes, onde cada um presente se cria e recria em um jogo de relação com os saberes, um jogo único onde os protagonistas são aqueles que se permitem entrar na roda para compor-a-si com relação àqueles conhecimentos.

“Se assim for, a relação que cada um deles estabelece com o saber se torna tão íntima que nem sempre se pode afirmar que as novas conexões elaboradas no decorrer de uma aula são de responsabilidade exclusiva de um ou de outro lado da linha (já bem atenuada) que separa professor e alunos. O movimento seria numa direção progressiva de abolir a linha que os separa e permiti-la ir se desenhando entre cada pessoa e o conteúdo de uma aula. Em outras palavras: diminuir a distância entre pessoas, para reconfigurá-la entre cada pessoa e o saber tema de uma aula” (COUTINHO, 2018).

A exposição e análise das oficinas nos deslocaram a pensar sobre a educação popular em sua mais pura essência, a partir daquilo que vêm do povo, da vida que pulsa. Mas também, refletimos de que forma esses conhecimentos nos atravessam como educadores, atravessando também papéis e concepções educacionais. Por isso falo da educação popular como um conceito em movimento, intimamente mergulhada na natureza dinâmica da cultura popular (HALL, 2003), mas também no movimento e no jogo que a educação pelo encontro proporciona.

Ao propormos as atividades educacionais, intencionamos que ali aconteça um momento de compartilhamento, troca, reciprocidade e diálogo, de uma participação real de todos, pois todos os momentos só foram possíveis, e só tomaram alcançaram um potencial de discussões críticas e afetivas da realidade social, histórica e cultural da cidade, com a participação e o envolvimento de cada pessoa. Essa força, essa potência, também brotou da escolha do trabalhar com a tradição, com as cantorias, com as brincadeiras de roda, com a pintura de rua, com a contação, com os batuques e com os encantos que estão em constante movimento, em um processo de escolhas e permanências, um processo de ressignificação da cultura popular. E foi no jogo da cultura popular em movimento que atentamos para os saberes que dali brotam.

A educação popular é definida como uma educação que se fundamenta em práticas, experiências e conhecimentos dos povos das classes trabalhadoras. Por muito tempo um estigma social perpassou a identidade desses povos, e ainda encontram-se discursos que repercutem tal marca social. Falo da ideia de que as camadas populares, trabalhadoras e tradicionais são pobres. Para mim, a pobreza pode ser entendida como algo ideológico, e passa longe do popular, assim como a infertilidade passa longe das terras do sertão. Mas tal estigma se disseminou de tal maneira, que deixamos de buscar nesses conhecimentos tradicionais e populares as fontes criativas e referenciais que podem alimentar a educação e as práticas educativas. Deslocar nosso pensamento e nosso olhar para esses saberes é trilhar caminhos, abrir portas para reafirmar uma educação libertadora, decolonial e poética.

“A educação popular a um só tempo é uma concepção prático/teórica e uma metodologia de educação que articula os diferentes saberes e práticas, as dimensões da cultura e dos direitos humanos, o compromisso com o diálogo e com o protagonismo das classes populares nas transformações sociais.” (QUEIROZ, C. A.; DOZZI, C.; MORAES, L. E.; et. al., 2014)

Nesse sentido, retorno a questão de que a pobreza é também uma questão ideológica, e os estudos educacionais não podem reproduzir o estigma de que as camadas populares são pobres, uma vez que ao debruçarmos nossos corpos, nossos olhares e nossa vontade de aprender para elas, iremos adentrar em um mundo de saberes que brota da terra, em um mundo de manifestações e fé, cultura e brincadeiras que muito tem para nos ensinar.



Figura 01 - Oficina de Coco de Roda, preto velho e brincadeiras de Boi na comunidade rural Santa Inês, Jandaíra-RN, 2018. Foto: Erick Cauann.

Trago então nesse estudo, um recorte de terras férteis que nos serve para experienciar tais aprendizados. Esta terra conhecida como o sertão potiguar.

“O sertão propõe ao homem uma educação tecida na existência sensível, aprendida e apreendida pelas relações constantes entre o homem, a cultura e a natureza, num lugar onde tudo está entrelaçado, fazendo da existência um caminho, em que, a cada passo, a cada horizonte, há sempre um novo sentido”. (FERREIRA, G. L., et. al. 2014)

E peço licença para percorrer um caminho que há muitos anos já foi percorrido por povos originários, por povos indígenas, por sertanejas e sertanejos que muito aqui sofreram com a secura dos colonizadores e de todos os povos que passaram por cima de nossos conhecimentos, nossas cantorias, nossos batuques e de nossos encantos, com uma cultura dominante que até hoje se infiltra nas nossas vidas, nas nossas escolas de forma violenta. Falo da cultura do meu povo com o brilho do olhar de quem semeia a terra, com a certeza de que colherá os frutos. Falo da tradição, não como uma fórmula fixa a ser cumprida, mas como uma referência, uma riqueza daqueles que vieram antes, que se transforma a cada novo olhar

que se abre para humildemente aprender. E dando passos em direção a novas formas de aprender e de falar sobre educação, exploro a tradição em sua dinâmica, em seu movimento, relacionando os processos de ressignificação da cultura, com processos de aprendizagem.



Figura 02 - Oficina de contação de histórias e pintura de uma casinha no meio do sertão na comunidade rural Trincheiras, Jandaíra-RN, 2018.

## Conclusões

Desenhamos até aqui a importância de se discutir uma educação que brota da terra, que cria raízes nos conhecimentos do povo, que se fundamenta na valorização da natureza e da terra que tem ao nosso redor. Que se referencia na sabedoria dos mais velhos, na tradição popular, nos costumes e nas manifestações culturais que nascem no berço do povo, nas periferias, na caatinga, no sertão, nas feiras livres de interior. E concluimos que o caminho é longo, até que se perceba o valor da nossa terra, das nossas mãos, das nossas histórias, dos nossos pés descalços. Da riqueza que é se permitir participar de uma roda de troca, de bater palmas e sair dançando como se a vida fosse uma brincadeira de boi. E é nesse passo que propomos e dispomos muitos caminhos para discutir uma educação que perpassa pela nossa vida, e que assim faça sentido, não só em bases teóricas e metodológicas, mas também



politicamente e culturalmente. Fazendo-se resistência, fazendo-se vida, fazendo-se criação poética. Fazendo-se brincadeira.

### **Referências**

COUTINHO, Karyne Dias. **Por uma Didática da Improvisação**. Revista Em Aberto, 2018 (no prelo).

FERREIRA, G. L.; NÓBREGA, T. P.; PINHEIRO, W. B. J. **O sertão educa**. Natal: Revista educação em questão, 2014. v.48, n. 34, p. 190-215.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MACHADO, L. R. **Danças no jogo da Construção Poética**. Natal: Jovens Escribas, 2017.

MOREIRA, A. **Brincante é um estado de graça: sentidos do brincar na cultura popular**. Brasília: Universidade de Brasília - UNB. Tese de dissertação de Mestrado, 2015.

QUEIROZ, A. C.; DOZZI, C.; MORAES, L. E.; et. al. (orgs.). **MARCO DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS**. Brasília: Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã e Grupo de Trabalho da Política Nacional de Educação, 2014.